

O INVENTÁRIO E SEUS ACTORES E ACTRIZES NO PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUÊS

MUSEU DE EMPRESA – Museu das Comunicações

Património da história e das técnicas das comunicações

Fernando Moura (Director do Departamento de Património Museológico)

Lisboa - 25 / 09 / 2008

1. A inventariação, o inventariante e o Museu

Sobre a função da inventariação:

1.1. Diga-me as 10 primeiras palavras que lhe venham ao pensamento quando ouve falar em “inventário”.

Olhe a primeira é organização, o inventário implica organização, implica estudo, implica organização de ideias, implica... portanto estamos em três. Implica disciplina, implica conhecimento, portanto agora mais 5. Implica preparar informação para o exterior, mais... implica também, como é que se chama, re-arrumação do acervo, isso também faz parte da organização não eh?, mais...

Só faltam 3.

Rigor já falei.

Não, não falou.

Rigor é uma das coisas que hoje em dia quando se faz investigação é a utilização das novas tecnologias.

Falta uma...

Falta uma... É persistência. Que é uma das coisas que eu luto aqui dentro com as pessoas que trabalham comigo que é para que elas não se desanimem, e elas as vezes ficam entusiasmadas porque a *Internet* é muito boa, até para nós por que é assim: nós estamos a trabalhar com peças demasiadamente técnicas que as vezes é difícil encontrarmos e então o que acontece é que muitas vezes temos que ir para *Internet*. As pesquisas na *Internet* não são pesquisas fáceis.

Exigem o seu tempo, não eh?

É verdade.

1. Organização
2. Estudo
3. Organização de ideias
4. Disciplina
5. Conhecimento
6. Preparar informação para o exterior
7. Re-arrumação
8. Rigor
9. Utilização de novas tecnologias
10. Persistência

1.2. Dr. Fernando, pode, por favor desenhar...

Trate-me por Fernando, por favor.

Ainda melhor.

Fernando, importa-se de me desenhar/descrever, primeiro por palavras, mas também num esquema simples, o circuito de inventariação do Museu nas condições actuais.

O circuito tal e como está neste momento.

Exacto, o circuito real.

Pronto, é assim. Nós temos entrada de peças, depois, é assim: infelizmente, infelizmente, elas não são imediatamente inventariadas na maior parte dos casos. Vão esperar, vão para as chamadas reservas museológicas. Aqui aguardam tratamento.

Tratamento de que tipo?

O tratamento de inventário. Elas não são logo inventariadas. Por que é assim: nós, neste momento, este departamento tem um défice de pessoal da ordem de, nós temos estado a trabalhar com, e temos aqui neste momento uma ajuda porque nós temos protocolos estabelecidos com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e nós promovemos estágios aqui, portanto enquanto estão a estagiar tb estão a trabalhar. Nós, de qualquer das formas, neste momento aqui temos uma... algo como um défice de cerca de 60%. Nós devíamos ter mais 60% das pessoas que temos. Infelizmente não temos. E portanto é assim, as coisas chegam e muitas vezes não são imediatamente inventariadas. Depois é inventário, e aqui nós tentamos não fazer inventários sumários. Aqueles que muitos museus fazem os inventários preliminares ou sumários. Nós aqui estamos a tentar fazer uma coisa que é, nós nunca nada é definitivo mas, ao fazermos a inventariação de uma peça leva-la praticamente a aquilo que eu designo de requisitos mínimos para serem disponibilizados para *Internet*. Porque como nós trabalhamos com aquela aplicação *Matriz*, e ela tem uma vertente de possibilidades de disponibilizar informação para *Internet*, nós queremos fazer com aquela informação que é trabalhada cá, seja uma informação que tenha um nível mínimo de qualidade para ser disponibilizada para o exterior. Porque a nós, não nos interessa, como sabe o *Matriz* incorpora também imagem. Nós não nos interessa colocar o nome da peça, o nº de inventários e a fotografia e a data. Não é isso que nós pretendemos, nós pretendemos ter uma informação que seja capaz de proporcionar ao próprio visitante da *Internet*, sei lá, que lhe desperte curiosidade e, se for pessoa que tenha conhecimentos sobre ela, porque por exemplo, nós trabalhamos com equipamentos de telecomunicações, são muitos os especialistas de telecomunicações que hoje já estão aposentados, que podem trazer mais-valias para a informação que temos e então nós queremos, neste momento, que nós não a temos ainda em *Internet*, que vamos disponibilizá-la até final do ano, queremos que esta informação seja disponível para conhecimento das pessoas, mas que tb seja susceptível de ser, como é que hei de dizer, vista por aqueles que sabem mais do que nós, que a uns que sabem mais do que nós, naturalmente, por que foram eles que a fabricaram, porque pertenceram a empresas importantes, não só em Portugal como no estrangeiro, e que nos podem dar informação. Portanto a *Net* vai ser um ponto de contacto entre a informação que a gente disponibiliza para o público, para que as pessoas possam saber, como tb podemos receber informação do público para nós.

E sempre contemplam uma área específica para receber respostas?

Exactamente, é isso que nós pretendemos.

E tem funcionado bem?

Ainda não está a funcionar. Isto é o projecto que nós temos. Nós só vamos disponibilizar a informação, estou a negociar com o IMC, para se contemplar esta situação, porque só assim é que ela tem razão de ser.

Esta situação guarda em certa forma relação com a questão do património imaterial (PCI): recolhas de informação oral através dos conhecimentos de determinadas pessoas...

Não foi este um dos últimos desafios lançados pelo IMC? Que os museus trabalhassem no território do PCI?

Exactamente, a nossa aplicação de *Matriz* é considerada genérica para os museus do estado e estes museus são de Artes, Artes decorativas, Etnologia ou Arqueologia.

Não a de ciência?

Não a de ciência, a nova versão deverá contemplar isso. Os problemas financeiros do próprio instituto tem vindo sistematicamente a adiar.

Eu vou, hoje vou, não é ameaçar, mas eu vou dizer para lá, que nós não podemos estar sistematicamente a espera e eu não posso estar sistematicamente a dizer aqui ao concelho e administração da fundação: a nova versão está para daqui a dois meses, daqui a três meses porque estou a dizer isso á cinco anos.

Nós temos que tomar uma decisão: ou definitivamente, a gente fica, e eu gostaria de ficar por uma coisa, temos uns largos milhares de fichas de inventário feitos no *Matriz* e o transferir esta informação par outra base pode ser perigoso porque os informáticos dizem que não a problemas mas nós já fizemos uma vez e deu problema.

Aqui a base de dados, *Matriz* e aqui é feito todo o preenchimento. Aqui pode haver o inventariante, porque é assim, são pessoas que não tem formação técnica sequer.

A informação é dada para aqui através do antigo ficheiro manual e também o livro de inventário. São as duas ferramentas antigas de trabalho.

Neste momento nós temos um consultor fundamentalmente para as peças de telecomunicações. Outras ferramentas: *Internet*.

Finalmente a peça é fotografada.

Neste momento vamos ficar com duas coisas. Uma é o *Matriz*, que é para ser consultado internamente e para o público visitante.

Então de momento não colocam informação na *Internet*.

Não isto é outro. Chama-se *MatrizWeb* é o interface para *Internet*.

Neste momento estamos aqui, eu falo muito na 1ª pessoa. Sabe porque é? Porque eu vejo tudo, eu quero ver tudo. Á pessoas que são muito novas, nomeadamente os estagiários, que são pessoas recém licenciadas e eu gosto de lhes dar toda a liberdade mas depois eu vou por trás ver como é.

Nós neste momento estamos a ver se no final do ano temos o primeiro pacote. Tenho a impressão de que vamos ser a instituição museológica com maior número de registos na *Internet*. Nós somos capazes de disponibilizar 5000 a 6000 registos para visitar.

Que critérios de selecção utilizou para definir os tipos de informação que iriam colocar a disposição do público no *MatrizWeb*?

Em função do interesse que as pessoas podem ter.

Primeira questão: as primeiras peças a colocar no *MatrizWeb* são as que estão na exposição. Quem vem ver a exposição depois pode...

Depois as colecções que tem mais a ver com aquilo que as pessoas mais nos solicitam. Tem a ver com pedidos de telefones, telégrafos, com os aspectos estéticos.

Na filatelia a mesma coisa, vamos disponibilizar selos. Vamos disponibilizar um material muito querido dos filatelistas mas que eles nunca viram: os desenhos originais dos selos, que são feitos por artistas convidados pelos CTT, artistas de grande qualidade, e a filatelia portuguesa é muito premiada internacionalmente exactamente por isso.

Este seria o circuito completo?

Sim é.

Onde é que este circuito se encontra com a conservação, a comunicação com o público...

Ao nível das reservas museológicas já são feitos os tratamentos mais urgentes de conservação. Paralelamente nas reservas museológicas nós temos o sistema de arquivo que tem em consideração as boas práticas de conservação preventiva (controle ambiental computadorizado por exemplo no caso da reserva filatélica) e curativa.

Com que critérios são colocadas as peças nas reservas? Por época, por tema...

Por colecções. Por nº de inventário

E como é que é dado esse nº de inventário?

É dado por ordem de chegada.

Podemos ir visitar a reservas se quiser.

Tenho todo o interesse.

Nós estamos organizados em três grandes áreas. O departamento de património museológico das comunicações tem peças postais, tem telecomunicações e um outro que é filatelia. A filatelia está separada junto com o material dos correios devido a sua natureza (numa reserva especial com condições apropriadas de temperatura, Humidade Relativa, acondicionamento...). Temos uma outra coisa: o património artístico (colecção de arte).

A melhor reserva é a filatélica por ser a que exige condições mais especiais.

Temos um outro espaço pequeno que é uma espécie de amostra do que são as colecções de correios e telecomunicações. Depois nós temos fora deste espaço grandes depósitos onde estão essas peças.

Onde é que ficam esses espaços?

Uma fica aqui próxima, perto do hospital Egas Moniz. Outra fora de Lisboa, a 25 km, em Mem Martins. São peças de grande porte, em telecomunicações temos desde peças pequenas a peças de grande porte. Em Mem Martins tenho viaturas, peças de grande porte (como diligências da Mala-posta, motas dos carteiros, rulotes que são estações de correios móveis... tudo recuperado). Um espólio muito diversificado. Depois também podemos depois dar uma volta pela exposição...

1.3. Gostaria então que me dissesse, sob condições ideais, qual seria o circuito adequado.

Sabe que é que eu fazia? Não tinha três reservas museológicas separadas, tinha tudo no mesmo edifício. Em 1995-96 quando se pensou na fundação neste edifício, eu fiquei com alguma pena por que a recuperação deste edifício foi muito cara, o valor de este edifício era muito elevado. Já vive em Portugal a muito tempo? ...

Entre obras e o valor do edifício, seguramente que estavam aqui um milhão e meio de contos, o que era muito, muito dinheiro, tanto que dava para construir um edifício de raiz perfeitamente.

Tive pena, porque eu já mudei o património, e estou a falar de 1500 metros quadrados em Lisboa e de 1700 em Mem Martins. Eu já mudei este património 7 vezes nos últimos vinte e sete anos. Isto quer dizer que de 4 em 4 anos ando com ele as costas de um lado para outro.

Então estes espaços não são vossos.

Não. Só um é que é alugado. Os outros são cedidos pelos correios ou pela PT. Eles cedem os espaços e depois decidem que eram melhor usar para a sua actividade que é o que á dinheiro a empresa.

Outra coisa que mudava, segundo o comentário que fez, não seria o facto de poder inventariar assim que as peças entram?

Era criar uma câmara de expurgo a entrada. Aqui, nós não podemos pensar numa situação dessas. Porque somos poucos e porque temos confiança nas pessoas, as peças muitas vezes entram e vão para as prateleiras. A excepção das peças mais importantes que são logo inventariadas.

Alguma outra coisa que melhorava? Falava anteriormente da escassez de pessoal...

A sim, claro.

Quantas pessoas têm neste momento consigo a trabalhar no inventário?

Eu tenho, neste momento, na zona postal, da fundação mesmo não tenho ninguém. Daqui das telecomunicações tenho uma pessoa, mais um consultor, todos dedicados exclusivamente ao inventário. Na filatelia tenho uma pessoa e tenho mais dois estagiários. Vou por um círculo nas pessoas que não pertencem aqui à fundação permanentemente.

Então, pessoas fixas que trabalham na área do inventário.

Uma, duas. Duas fixas.

Fixas, quer dizer que formam parte do quadro de alguma das empresas.

Exactamente. Só a trabalhar no inventário. Depois tenho um consultor, um técnico de pequenas intervenções de restauro.

E ele só trabalha para o inventário?

Sim mas só faz pequenas intervenções.

Para o Fernando esse técnico é importante ao nível do inventário? Sim, é importante.

E eu próprio também.

2 Pessoas fixas, 4 estagiários, 1 consultor. E estes estagiários vêm todos através do centro de emprego?

Sim. Estou com esperanças de conseguir trazer mais pessoas para cá.

Estamos a falar de 7 pessoas a trabalhar no inventário. Parece bom, mesmo que mais de metade estejam em estágio.

Estes técnicos têm um percurso próprio de produção.

Passam por aqui nove meses e tem uma fase de crescimento (aprendizagem) que quando chega ao final do estágio a uma quebra de produção. E porquê? Porque é humano, estão a acabar e a pensar que é que vão fazer a seguir, estão a procurar emprego.

Falando na questão do género, que é que temos aqui? Que é que são estas pessoas...?

2 Mulheres, 1 homem (consultor), 1 homem (técnico de restauro)

Qual o perfil dos estagiários? Preferem homens, mulheres?

É indiferente. É em função das candidaturas que nos aparecem. Nós pedimos ao centro de emprego e o centro de emprego nos envia. Nós geralmente pedimos gente da área de história e história de arte.

As duas funcionárias são (30anos) licenciada em história e (50anos) formada em design.

O consultor é engenheiro de telecomunicações.

Os estagiários são três raparigas e um rapaz.

A quanto tempo que adoptaram este sistema?

Nós já vamos no terceiro estágio. A um ano e meio, sensivelmente.

E tem predominado as mulheres.

É, aliás, sabe que os cursos de história não têm quase homens...

(...) Vamos ser comandados pelas mulheres! Não vejo nenhum problema...

A primeira vez que eu estive no norte de Europa (...)

Que idades predominam?

As equipas agora são todas relativamente novas.

Por exemplo as duas mulheres...

É assim: as duas mulheres têm uma 30 e tal e a outra perto de 50, já cá trabalha á muitos anos. O consultor é um bocado mais velho, tem a volta de 60 e tal. O técnico de restauro tem 40 e tal. Os estagiários são todos na ordem dos 20 anos.

No caso dos estagiários já sabemos que a formação predominante é a da história ou h^a da arte, mas é no caso das duas pessoas fixas que trabalham neste departamento?

Uma delas não têm formação superior mais é das pessoas mais competentes porque é técnica dos correios. Não tem formação de licenciatura mas é qualificada, tem...tem um curso de artes decorativas.

E a outra pessoa?

É licenciada em história. O consultor é engenheiro de telecomunicações.

Experiência profissional na área do inventário?

Ninguém trazia, foram aprendendo aqui.

Actualizações ao nível da formação?

Sempre que possível vão fazendo. A museologia em Portugal tem pouco a ver com a nossa. Nós enquadrámo-nos no grupo dos museus de ciência e técnica que agora está começando a surgir com alguma força. De aí que o IMC esteja a pensar seriamente numa versão para os museus de ciência e técnica. Até aqui nas acções de formação sentíamo-nos um bocado fora de contexto.

No estrangeiro temos encontrado coisas interessantes. Evidente que isto de ir para o estrangeiro é complicado levar pessoas, tenho beneficiado eu mas tenho tentado que beneficiem das condições que há em Portugal.

E as condições de trabalho Fernando?

A quanto tempo que as duas pessoas fixas formam parte do quadro de funcionários do Museu?

Já há uns anos.

Mais de 10 anos?

Mais de 10.

Elas dedicam-se exclusivamente ao inventário?

Sim.

Quais são as condições de remuneração, em termos aproximados... para perceber a dimensão da figura do inventariante neste contexto?

O nosso inventariante é de formação mais ou menos superior... será o equivalente, eu não lhe posso quantificar mais será o equivalente a 1200€ em média, talvez.

Líquido?

Não, ilíquido.

Depois podem ter mais algumas compensações... mais deve andar por volta disso.

O consultor tem muito mais...

2. A última incorporação

2.1. Diga-me em qual das modalidades foi feita a última incorporação de um bem cultural/exemplar:

- | | | | |
|----------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
| 2.1.1. Compra | <input checked="" type="checkbox"/> | 2.1.10. Proveniência desconhecida | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.2. Doação | <input type="checkbox"/> | 2.1.11. Herança | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.3. Empréstimo | <input type="checkbox"/> | 2.1.12. Permuta | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.4. Legado | <input type="checkbox"/> | 2.1.13. Afectação permanente | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.5. Recolha | <input type="checkbox"/> | 2.1.14. Preferência | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.6. Achado | <input type="checkbox"/> | 2.1.15. Dação em pagamento | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.7. Transferência | <input type="checkbox"/> | 2.1.16. Depósito | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.8. Expropriação | <input type="checkbox"/> | 2.1.17. Produção própria | <input type="checkbox"/> |
| 2.1.9. Fundo antigo | <input type="checkbox"/> | 2.1.18. Outra. Qual?..... | |

Foi por compra que foram 4 quadros porque foi muito interessante por que foi uma artista. Eu tinha uma grande preocupação porque os contactos com o estrangeiro me tem permitido verificar uma coisa muito interessante. Tenho encontrado, por exemplo na Alemanha, uma exposição temática muito interessante com temáticas relacionadas com a carta, o telefone, o carro do correio no meio da neve... (total de 150 telas procedentes de diversos museus de Frankfurt) feitas por artistas. Aqui em Portugal nunca tinha visto nada disso. O próprio Salvador Dali tem uma obra interessante com um telefone com uma lagosta encima... Então eu tentei desafiar alguns artistas convidando-os para produzir sobre isto mas nunca ninguém produziu e, um dia um colega meu dos CTT dos açores telefona e diz-me assim: olha, tenho aqui uma coisa que, com certeza tu vais gostar de ver, devias vir aqui ver uma exposição de uma artista muito nova que o tema dela são caixas de correio e marcos do correio. Eu achei extraordinário... Aquilo tudo não chegou aos, entre 1000 e 2000 € cada uma, um preço razoavelmente baixo... essas peças vão agora conviver com outras peças antigas, mas contextualizadas na exposição (permanente)

2.2. Indique-me agora em qual das modalidades foi feita a última incorporação de uma colecção:

- | | | | |
|----------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|
| 2.2.1. Compra | <input type="checkbox"/> | 2.2.10. Proveniência desconhecida | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.2. Doação | <input checked="" type="checkbox"/> | 2.2.11. Herança | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.3. Empréstimo | <input type="checkbox"/> | 2.2.12. Permuta | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.4. Legado | <input type="checkbox"/> | 2.2.13. Afectação permanente | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.5. Recolha | <input type="checkbox"/> | 2.2.14. Preferência | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.6. Achado | <input type="checkbox"/> | 2.2.15. Dação em pagamento | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.7. Transferência | <input type="checkbox"/> | 2.2.16. Depósito | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.8. Expropriação | <input type="checkbox"/> | 2.2.17. Produção própria | <input type="checkbox"/> |
| 2.2.9. Fundo antigo | <input type="checkbox"/> | 2.2.18. Outra. Qual?..... | |

Colecção inteira?

Pode não estar inteira mas ter significado e interesse me si mesma...

Pois, já a muito tempo que não se faz.

As últimas que foram feitas foram compras, doações...

Doação. Nós vivemos fundamentalmente por doação, doações feitas por particulares à fundação ou pela transferência de património que vem dos instituidores, que continuam a ser proprietários dos seus patrimónios. Eles estão é confiados à fundação para nós conservarmos o património. É como se fosse propriedade da fundação mas na realidade é propriedade dos CTT, da PT e da Anacom.

O depósito é mais feito por entidades privadas. Isto tem a ver com aspectos jurídicos que nos foram aconselhados...

3. Uma história simples

Pode contar-me uma história acerca de uma dessas incorporações - ou de outra que lhe venha à memória agora e que julgue interessante - referindo em especial:

3.1. A data – certa ou aproximada – em que ocorreu;

3.2. As negociações entre o/a doador/a, ou vendedor/a, e a direcção do Museu ou quem o representou (as pessoas que participaram nessas reuniões);

3.3. Onde estava guardada a peça ou o conjunto de peças?

3.4. Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem/exemplar?

A pessoa que fez a venda ou a doação deixou tirar fotografias no local?

Para não repetir h^a vou contar-lhe a h^a de uma doação que já foi feita a muitos anos.

Mais ou menos quando?

Nos anos 90. Era uma doação de um quadro importante.

As pessoas que mandavam no correio nos séculos XVI a XVIII chamavam-se correios-mor. Eram pessoas pertencentes à nobreza ou a uma burguesia afidalgada e, acontece que todos eles gostavam imenso de se mandar pintar. Acontece que um desses correios-mor foi a Itália e fez-se retratar por um artista de grande nomeada... Depois trosse o quadro, provavelmente enrolado, e, ao chegar a Portugal e como se fazia naquela época mandou fazer um retrato de corpo inteiro. É um outro pintor que pega no desenho do artista italiano e faz um retrato de corpo inteiro

Sem aproveitar o retrato original?

Não, limita-se a copiar.

O original que veio de Itália ficou guardado na posse de uma pessoa que depois doou aos correios. Este quadro está neste momento na sede dos CTT, num gabinete dum administrador. Nós vigiamos, pois é nossa função, para ver estados de conservação. Portanto esse senhor ofereceu. Nós fomos a sua casa...

Guardava relação de parentesco?

Com algum grau de parentesco. No século XVIII quando o cargo de correio-mor foi extinto a pessoas foram compensadas pela perda do cargo, receberam títulos nobiliários etc... Nós fomos visitar o quadro. Ele perguntou logo se nós estávamos interessados e aceitar a doação.

Foi o Fernando pessoalmente falar com ele?

Sim, junto de outros colegas que já estão aposentados. Pedimos autorização para fotografar

No local?

No próprio local onde estava. Depois fizemos uma minuta em que ele doava o quadro mais não permitia que o quadro fosse vendido.

Outras informações?

Fizeram perguntas sobre a história do quadro, sobre a identidade do retratado?

Isso nós já sabíamos. Fizemos perguntas mais nos sabemos mais que a pessoa. Ele sabia que era um sétimo ou oitavo correio-mor... Nós já conhecemos a história.

3.5. As observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento desse bem/exemplar e para a sua nova forma de vida no contexto do Museu?

Claro, embora nós naquele caso muito concreto, tivéssemos sabido apenas que o quadro pertenceu aos correios-mores e que depois, fruto da morte e heranças sucessivas ele tenha saído um pouco da família.

3.6. A chegada ao Museu: Quem se interessa por ver o bem/exemplar ou a colecção? Quem tem acesso a ele? Contam-se histórias? Acontece algo de novo no Museu e nas relações entre as pessoas?

Nós na altura dê-mos conhecimento a todos, todas as pessoas viram. Não foi uma festa mais si que ouve curiosidade.

Já existia o departamento de p. museológico?

Existia mas isto era dentro do Museu dos CTT (Correios, Telégrafos e Telefones). Aí tinha uma estrutura que tinha a directora do Museu e tinham património e serviços educativos.

3.7. Como são feitos o inventário e a arrumação no contexto do Museu?

Não foi por uma coisa. Porque esta peça tinha sido oferecida aos CTT e o presidente do conselho na altura gostou de ter o quadro no gabinete dele.

Só depois é que foi inventariado.

Não, foi inventariado e depois foi para lá. A única coisa que fizemos foi chamar a atenção sobre a necessidade de ter boas condições de conservação embora seja sempre um gabinete de trabalho...

4. O Museu manifesta-se

Pode falar-me dos temas que mais interessam ao Museu para um reconhecimento das peças ou objectos que nele entram, dando conta sobretudo:

4.1. De aspectos relacionados com a história do bem/exemplar: material de que é feito, funções que exerceu ou exerce, o seu autor ou autora, as circunstâncias em que foi feito, o seu valor estimativo para as pessoas que o tinham na sua posse;

Nós recebemos peças fundamentalmente de carácter técnico e então, dessas peças, nós temos que saber tudo. O quê e que elas representaram, em que contexto é que foram utilizadas.

Por que tipo de pessoas?

Aqui a dias estivemos a fazer o inventário de uma máquina que já recebemos a imenso tempo mas que não estava inventariada. Era uma máquina de escrever que tinha as teclas todas sem letras. Uma máquina de escrever que estava toda com umas coisas por cima em preto e tinha duas filas, assim, a vermelho. Por acaso eu sabia, mas pedi para ela fazer...

O que era aquilo? Aquilo era uma máquina de formação, era para as pessoas aprenderem a escrever a máquina. Porque as pessoas que sabem escrever escrevem assim. (...) depois de aprender a escrever a máquina, retiravam as letras e as pessoas ficavam a escrever sem as letras, as teclas eram pretas e estas teclas vermelhas eram para a pessoas saberem que tinham que por ali as mãos. Nós temos que saber isto tudo e saber a proveniência: onde é que elas aparecem, em que contexto é que foram utilizadas, o porquê de serem utilizadas nesta época, histórias associadas as vezes...

Então vocês dão importância ao contacto humano.

Sim

Como é que vocês estabelecem esse contacto humano?

Eu por exemplo amanhã vou ter aqui dois técnicos aposentados. Dos CTT? Da altura, dos ELP que me vêem fazer uma coisa, que me vêem ajudar porque nós temos uns quantos equipamentos que temos repetidos 30 vezes porque nós precisamos deles para dar ajuda que é uma missão desta fundação, por exemplo ao teatro, ao cinema. Sabe porque? É evidente que são peças que não estão inventariadas. Nós damos-lhe um registo apenas para saber que as temos. São peças para ser utilizadas. Se um dia uma se partir não é grave porque aquelas que estão inventariadas são sagradas. Elas têm um nº de registo só para saber que elas existem.

Por exemplo o Manoel de Oliveira...

Por exemplo para o programa “Conta-me como foi”, sobre a década de 60 ... eles foram filmar as nossas instalações de Mem Martins porque eu recriei-lhes uma estação de correios (móveis, peças de correios, cartazes utilizados na altura, impressos)

Voltando aos dois aposentados...

Nós não podemos deitar coisas fora por diversos motivos. Em primeiro lugar porque a determinados equipamentos que foram descontinuados a muito tempo, estão obsoletos, e nós temos que ter a noção da importância que há-de retirar algumas peças de objectos que estejam em mau estado porque se calhar o seu interior tem que ser preservado como peças subsalentes para outros equipamentos. Porque nós na nossa exposição e nas nossas actividades gostamos de apresentar ao público, sempre que possível, as peças em funcionamento, que é para permitir, uma não só, uma interactividade com o público mas para que o público perceba também através dessa interactividade o que era utilizar tecnologias que já se foram a muitos anos embora.

O próprio público pode interagir com os objectos fisicamente?

Pode. É evidente que esta iniciativa tem a ver com as visitas que são orientadas pelos monitores porque é sempre muito complicado o visitante individual estar a trabalhar. Mas essa seria a solução ideal. A solução que eu preconizo como ideal era que o próprio público mexesse nas peças. Nós aqui ao nível da nossa exposição fizemos um primeiro passo e um segundo passo que já devia estar feito, só que isto é complicado, é criar outros meios de interagir através de multimédia que é mais fácil do que estar a mexer propriamente nos aparatos

Mas têm muito mais encanto poder pegar num telefone antigo e perceber qual era o seu peso, a sua consistência, o que envolvia a sua utilização...

Ah, sim, sim, evidentemente. Só que nós temos aqui um problema.

Por exemplo eu quando estive fora a última vez voltei a ver que os museus, por cada sala tem vigilantes, e nós aqui não temos.

Considera isso negativo, positivo?

Negativo, péssimo, horroroso.

Mas afigura do vigilante pode ser vista de várias formas...

Sim, pode. Eu acho que o vigilante aqui não pode ter uma atitude inibidora. Se calhar um circuito de vídeo vigilância... Temos, mais é importante que se sinta. Eu por exemplo aqui temos uma coisa que é um disparate autêntico mas que eu vou rever porque sempre estive contra. E assim: não deixar as pessoas fazer fotografias na exposição. Si me disserem: nós

temos telas e não podem levar com o flash encima... Agora, as nossas peças são duras, se levarem com 500 flashes durante 10 anos não tem problema nenhum, não afecta nada. Agora na Rússia em todo o lado era possível fotografar.

Já passaram a fase da proibição?

Passaram. Eles só têm algumas zonas onde é proibido fotografar. Tem é uma coisa muito engraçada. Para fotografar é preciso pagar mais alguns rublos. Mas as entradas são baratas.

4.2. De aspectos relacionados com a história da pessoa ou pessoas que o usufruíram;

4.3. Gostava de saber se o registo destas informações é tido por essencial:

4.3.1. Para se prepararem exposições no futuro;

4.3.2. Para a história do Museu e das suas actividades;

4.4. Estes estudos e inventários permitem considerar a peça que entrou no Museu, ou a colecção que passou a fazer parte do seu espólio, objectos que antes tinham uma vida em sociedade?

Sim, exactamente. Por exemplo a uma coisa muito engraçada que é uma máquina de calcular que está associada a uma coisa, havia um técnico dos correios. Isto é uma nova tecnologia, quando as novas tecnologias surgem, as pessoas as vezes têm muita dificuldade em lidar com elas. E, então era uma máquina de somar e era daquelas máquinas onde bastava dar a uma manivela. E ele era muito bom a fazer cálculo e ele fazia somas muito rapidamente, aquilo era um especialista, um homem excepcional. Então ele fazia com a sua máquina mas ia confirmar com a sua soma. E depois ficava contente quando a máquina se enganava. Mas o chefe dizia: não, você tem que fazer novamente e... o erro tinha sido dele. São aspectos interessantíssimos associados a uma coisa. Quero dizer, a grande história é feita também de pequenas histórias.

Acabam por ser as pequenas histórias as que nos permitem aproximar-nos da realidade.

Uma coisa também importante. Aqui dentro também organizamos mesas redondas, isto é onde se sentam algumas pessoas, pomos o gravador a falar e todos começam a deitar informação.

Em torno a um objecto?

Em torno de uma actividade, mas pode ser também em torno de um objecto. Também já fizemos isso, mas em torno por exemplo de grandes coisas, por exemplo, o traçado da linha telefónica. Então as pessoas falam

Depois com essa gravação...

Dessa gravação a gente retira a informação. A cassete original a gente guarda. Depois nós retiramos a informação e passamo-la a escrito. Algumas ainda estão para fazer esse trabalho mas é assim, é difícil porque temos pouca gente.

É delicado porque a gente tem que ter o cuidado de trazer as pessoas cá, que são pessoas que estão aposentadas, que estão com poucos anos de vida mais e que a gente tem que os trazer cá numa perspectiva de lhes dizer não “você tem pouco tempo de vida mais”. A gente

tem que lhes dizer que nos faz falta ter aquele conhecimento e que só ele é que nos pode dar.

É evidente que as pessoas quando vem para as conversas sabem que o horizonte de vida deles é pequeno, mas também ajudam e ficam satisfeitos por ajudar. E é por exemplo uma das actividades que eu tenho feito aqui e tenho associado os administradores. Os administradores também são oriundos das empresas, já tem muitos anos e para que seja uma conversa amigável... a vezes a gente até arranja maneira de almoçar-mos com as pessoas.

O Fernando costuma estar presente?

Sempre.

Algo assim é feito para criar arquivos de memória oral.

Exactamente. Eu tenho lutado muito aqui porque, sabe uma coisa: eu estou com 58 anos porque é assim, eu não tenho tempo de passar a escrita tudo aquilo que sei. Às pessoas que trabalham comigo eu vou-lhes deitando, vou todos os dias abrindo um caderno e deixando uma série de notas sair. Por que é assim, eu ainda tenho 4 ou 5 anos de horizonte de trabalho mas as pessoas que estão comigo... eu também recebi estas informações de outras pessoas e, é esta memória oral que é transmitida. As vezes escrevo, mas há coisas que a gente nunca escreve. Até porque algumas histórias são menos importantes mais não deixam de ser importantes.

Esta iniciativa da mesa redonda guarda em certa forma relação com essa sua ideia de reformular o *Matriz* para guardar este tipo de dados.

Por exemplo. É assim, hoje...a ficha *Matriz*, conhece-a?

Conheço.

Mas a ficha *Matriz* permite fazer quase um tratado. Tem muitos campos onde é possível meter texto, e texto ilimitado. Evidentemente que nós, depois para *Internet*, vamos ter que ter cuidados. Embora seja muito ligado para o património eu tenho muito a preocupação da outra vertente que está voltada para o público. Nós se quisermos captar a atenção das pessoas não podemos massacra-las. Temos que dosear a informação e, por exemplo para a *Internet*, a gente vai ter que por um tipo de informação menos densa mais leve que é para as pessoas, depois se elas nos quiserem contactar para coisas mais complicadas nós ficamos agradecidos. É essa a nossa preocupação.

5. Projectando o Museu ideal.

5.1. Indique-me que propostas apresentaria para actualizar e conferir maior eficácia ao quadro de funcionários/as do Museu, falando em especial:

Se tivéssemos condições de ter aqui seriam profissionais mesmo de museu. Apostar na formação.

E, quantas pessoas?

Pelo menos o dobro das pessoas.

E da área da museologia, quantas pessoas metia no Museu? Ou queria falar dos vários especialistas envolvidos no trabalho do Museu?

Sim, evidente. Hoje eu penso que ter alguém ligado as coisas da comunicação dentro do Museu é importante. Houve tempos... eu vou-lhe dizer uma coisa. Há muitos anos atrás, agora não tenho se não eu mostrava. Ouve um colega que até faz parte da APOM, deve conhecer, o António Navais?

Claro que conheço.

Então, a uns anos atrás, porque na vida das empresas passa cada “pássaro”. Em Portugal nós dizemos pássaro...

Mas era um fulano absolutamente maluco. Queria dar-nos trabalho, mas foi um trabalho que até me deu muito gozo fazer, em que o Navais também colaborou. Que é que nós fizemos?

O tipo chegou cá. Ele era um daqueles que anda sempre de empresa em empresa, não para em lado nenhum. Um homem muito ligado as corrupções e estas coisas e, então chegou aqui e viu isto: “Epá estas instalações não prestam para nada! A ideia era fazer um Museu novo...”

Bem já percebi que é que este gajo quer. Temos que ter um programa para a construção do edifício. Eu na altura estava mesmo como responsável do Museu e pedi ao Navais. O Navais colaborou e nós fizemos um documento que era exactamente o museu ideal. Com as zonas de público, com as zonas de entradas de peças, com câmaras de expurgo, zonas fotográficas, com oficina de conservação e restauro com: tudo isto é importante, tudo isto deve existir; com um lugar para o arquitecto para as exposições temporárias. Hoje é impossível ter nos quadros de um museu toda esta gente, porque os custos são tão elevados em termos salariais que a gente tem que fazer opções. É por isso que ter gente ligada a comunicação é importante, ligada à pedagogia, comunicação pedagógica no sentido de fazer uma boa exploração. Se ouve-se capacidade financeira era isso mesmo. Era um técnico para organizar as exposições temporárias.

Eu tenho uma concepção de exposição que não corresponde a aquilo que eu pretendia por razões de espaço porque o princípio em que assenta esta nossa exposição são dois percursos diferentes, nós temos um percurso de correios e telecomunicações e eu não queria isso, eu queria um percurso único em que as pessoas andavam a navegar na história. As pessoas andavam a passear no tempo, e então chegavam a um determinado momento histórico e o que se apercebi era... como é que se comunicava naquela altura? Como é que estavam organizados os correios? Como é que estavam organizados as telecomunicações? Como é que havia outras formas de comunicar: como é que se vivia na altura. Porque era um discurso expositivo todo ele contextualizado com as épocas em que se... as pessoas andavam, as pessoas estavam a levar para casa, e para si, uma lição da forma como se vivia, o que era a história. E depois, estes equipamentos e estas potencialidades de comunicações –que é o nosso *métier*- apareciam lá, também, mas apareciam de uma forma a não martirizar as pessoas porque, quando eu cheguei a primeira vez ao Museu dos CTT, num edifício escuro...

Onde é que estava o Museu dos CTT?

Na Rua de D. Estefânia, num edifício de madeira, um edifício lindíssimo. Eu cheguei lá e então a gente entrava numa sala e tinha: “Sala das Caixas de Correios”, e então aquilo era...e depois tinha outra que era a “Sala dos Telefones”

Isto em que ano foi, Fernando?

1980. E eu quando lá cheguei, eu disse assim cá para mim: o que é que os jovens que vem para aqui, o que é que eles levam daqui? Eles levam a cabeça cheia de confusão. Se os pais perguntam alguma coisa eles dizem: eu vi 50 caixas e correio, mais não sei quantas coisas. Então começa-mos a pensar num tipo de exposição diferente, que era os objectos, mais metidos dentro dos tempos históricos e foi isso que a gente...

Por exemplo aqui, eu tenho pena de o arquitecto não ter conseguido (...) dar a possibilidade ao visitante de ele ver a exposição de acordo com os seus centros de interesse.

Porque é assim, quando a gente chega a um museu e nos é apresentado tudo, nós cansámo-nos.

Nós temos que saber o quê é que o público normalmente quer, nunca temos a certeza absoluta do que ele quer, mas pelo menos tentar dar pistas e criar percursos. Sabe? Nesse projecto a gente criava percursos diferentes, em função do tempo da pessoa. A gente tinha, por exemplo um computador à entrada que nos permitia dizer assim: “Olha, eu quero ver isto, e isto, e isto”, em função dos centros de interesse, e ele passava um...

Nos anos 80, fizeram tudo isto?

Não isto já é dos anos 90. Quando trabalhamos no tal projecto que seria o museu ideal. As salas devem ser organizadas de forma a criar reenâncias que são bolsas de desenvolvimento de determinada coisa. Mas se aquilo não me interessa eu passo no discurso e não sinto a falta de aquilo.

5.1.1. Nos conhecimentos que uma pessoa deve ter para estudar e inventariar objectos e colecções;

Precisava fundamentalmente de mais gente.

E de que áreas?

Eu aqui apostaria mais em áreas técnicas. Gente mais ligada, por exemplo as coisas das telecomunicações mas que tivessem alguma sensibilidade para as coisas da história, porque quando as pessoas são apenas técnicas, as pessoas perdem um bocado essa...

5.1.2. Em outras categorias profissionais relevantes para o estudo e inventário de objectos e colecções de diferentes naturezas;

Eu gostava de ter por exemplo alguém versado em arte porque é assim, sabe que o trabalho de concepção do selo é feito por artistas. Alguns artistas produziram selos que são obras de arte no fundo, nós temos os originais. Mas o que acontece é o seguinte: eles revelaram facetas muito diferentes daquelas que revelaram enquanto artistas plásticos, na sua carreira. Isso dava grande interesse ter, porque permite inclusive trabalhos de investigação sobre um artista ou sobre vários artistas.

5.1.3. Nas categorias profissionais que gostava de criar para aperfeiçoar o trabalho de inventariação. Estava a falar em pessoal mais técnico, como o das telecomunicações, reforçava o pessoal dedicado a inventário, que normalmente vem da história, falava também de alguém da arte...

Dentro da arte posso, eventualmente, considerar a gente de história da arte.

Mais falando em criar alguma outra categoria que tenha a ver com o inventário e que não exista no Museu que possa vir a preencher alguma lacuna...

Nós sentimos aqui muita necessidade, mas não será exclusivamente para o inventário: são técnicos informáticos. Nós temos aqui uma pessoa que tem uma avença que nos presta algum apoio em termos de... Porque é assim, hoje, e na comunicação que apresentei na Rússia disse uma coisa, e é um desafio aos nossos parceiros: nós hoje através da *Internet* podemos fazer estes museus virtuais mas também podemos fazer exposições temáticas e as exp. temáticas podem ser tão boas virtualmente quase como vistas na realidade, com menos custos. Porque quando a gente pensa em trazer um satélite, como eu vi lá em S. Petersburgo, um satélite real que esteve no espaço 20 anos, que era um satélite de telecomunicações, que tem não sei quantos metros. Eu só vi modelos, coisas pequeninas, mas eles tem lá um igual a um que ainda está no espaço. Está num pátio do Museu Popov.

Não fica com vontades de ter alguém que faça os contactos com as pessoas mais regularmente?

Ah! Sim. Nós temos por exemplo um grupo de amigos do Museu que podia ter essa função. Mas sabe que os grandes problemas dos grupos de amigos do Museu é que muitas vezes interferem com a própria organização do Museu, as vezes são uma espécie de poderes paralelos, porque eles não se dedicam a aquilo que são coisas importantes. Nós aqui quando tentamos pegar nestes técnicos, nós estamos a tentar sensibiliza-los, eles no fundo são uma lacuna que nós temos ao nível da estrutura, são eles que fazem u bocado isso. Uma coisa que é fundamental, é o trabalho voluntário.

(Falando sobre o Museu dos Transportes de Daitona, EEUU)

Eu que tenho algumas reservas em relação aos americanos, eu tiro o chapéu aos americanos porque o trabalho voluntário dos americanos é uma coisa excepcional.

5.2. Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes.

5.3. Indique-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a população envolvente

Para mim a entrevista acabou, mas gostava se saber se acrescentava mais alguma coisa?

Eu acho que eu falei de mais, mais aquilo que falei, falei com honestidade. Provavelmente pode ter escapado alguma coisa. Eu acho que este inquérito que aqui tem está muito bem porque obriga a pensar muito no quê dizer.

Por exemplo uma das coisas que eu hoje sinto é que a força das burocracias... nós não fazemos aquilo que devemos fazer.

Há um defeito estrutural, em termos da própria estrutura. Eu quando penso numa estrutura, não posso pensar em pessoas, tenho que pensar nas coisas como elas são.

Sabe? Os portugueses têm muito medo de uma coisa: é de trabalhar bem.

Além disso não são capazes

Claro que são!

Não são, não. Sabem trabalhar bem, por exemplo, em Espanha, ou nos EEUU, ou na Rússia.

Há um ditado que, eu me irrita que é assim: “O óptimo é inimigo do bom”.

Nós temos que apostar sempre no óptimo, porque o óptimo a gente não chega lá mas tem que chegar a patamares bons.

E assim, o óptimo é inimigo do bom. As pessoas vão olhar para o bom, só que o bom para os portugueses é uma fasquia muito baixa que não é bom... é o suficiente.

Nós temos que os habituar é a apostar em coisas boas e depois naturalmente se calhar não chegamos lá, mas a nossa meta deve se sempre isso, é isso que você dizia: é o museu ideal.

O museu Ideal, a gente tem que apostar por ele, lutar por ele, depois com certeza não a de chegar: porque não a dinheiro porque não há no não sei quê, porque há burocracia...

Quando nós fizemos aquele papel do museu ideal quilo deu-nos muito gozo. Eu acho que em determinada altura chegamos a pensar publicar aquilo como uma forma de... porque na altura havia muita febre de museus, que é outro disparate. Sabe? Em Moscovo há menos museus que em Lisboa mas todos os museus de Lisboa cavem em um museu de Moscovo (...) Os nossos museus são museusinhos

Mais os museusinhos também têm as suas vantagens...

Ah sim! Mas o que eu digo é o seguinte.

É verdade, falando de museusinhos há uma pergunta que me ficou no bolso. Trabalham em rede com alguém, com outros museus? Através do *Matriz*?

Não. Isso não. A única coisa que nós fizemos através do *Matriz* foi fazer-mos uma espécie de newsletter que era mensal.

Que opinião tem da empresa que criou o *Matriz*? Que é que acontece quando vocês precisam de apoio?

Ela resolve... mas nós temos dentro dos nossos instituidores área de informática que nos podem apoiar.

Actualizações do *Matriz*, só a empresa é que faz? Como é que lida com a situação que me tinha comentado do PCI?

O que eu me apercebi é que de facto tem havido problemas de dinheiro.

Eu acho que Portugal perde muito pela dificuldade de saber apresentar projectos para financiar. Esta minha experiência do Museu virtual foi muito elucidativa. Se fosse aqui em Portugal nós não tínhamos conseguido. Metemos espanhóis de alemães. Os espanhóis acho que trabalham muito bem. Os espanhóis já trabalham ao ritmo da Europa.

Bom Fernando, damos por encerrada esta aventura?

Damos. E depois quer visitar a nossas reservas? (...)

Muito Obrigada!

Outras informações, relacionadas com questões não colocadas na altura da entrevista, e presentes no modelo final de guião utilizado no estudo.

Respostas obtidas, ao longo de 2010 e 2011, através de correio electrónico e por contactos telefónicos, com a colaboração de Fernando Moura e Liliana Pina (assessora da Direcção do Museu).

2.3. Quais os critérios a seguir quando da incorporação de um bem/exemplar?

Tudo tipo de bens relacionados com as comunicações e provenientes:

1. Dos instituidores, isto é: da CTT, da Anacom e da Portugal Telecom
2. Ou então de privados

6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:

Os bens inventariados no SGC do MC:

- Número de bens que integram o espólio do Museu: não conhecido ao certo

- Percentagem com inventário informatizado: não calculada por falta de dados

Números aproximados de bens existentes no Departamento de Património Museológico e respectivos registos informáticos no *Matriz 2.0.*:

Telecomunicações - 10.500. Registado Informaticamente - 8.298

Postal - cerca de 4.000. Registado Informaticamente - 3.173

Filatélico e Artístico - Não existe um número certo. Registado Informaticamente - 11.814

Observação: Existem mais peças filatélicas registadas em Excel, mas são milhares e em número não contabilizado, porque o Museu funciona como um depósito legal de todos os selos que são emitidos mundialmente pelos países representantes da UPU (União Postal Universal).

- Outros dados de interesse:

Número total de bens inventariados na Fundação Portuguesa das Comunicações: 593.174.

Percentagem com inventário informatizado: 31.500 (aproximadamente 5%).